

Vocês que fazem parte dessa massa  
Que passa nos projetos do futuro  
É duro tanto ter que caminhar  
E dar muito mais do que receber...  
E ter que demonstrar sua coragem  
À margem do que possa parecer  
E ver que toda essa engrenagem  
Já sente a ferrugem lhe comer...

Êeeeeh! Oh! Oh!  
Vida de gado  
Povo marcado  
Êh!  
Povo feliz!

Lá fora faz um tempo confortável  
A vigilância cuida do normal  
Os automóveis ouvem a notícia  
Os homens a publicam no jornal...  
E correm através da madrugada  
A única velhice que chegou  
Demoram-se na beira da estrada  
E passam a contar o que sobrou...

Êeeeeh! Oh! Oh!  
Vida de gado  
Povo marcado  
Êh!  
Povo feliz!

O povo foge da ignorância  
Apesar de viver tão perto dela  
E sonham com melhores tempos idos  
Contemplam essa vida numa cela...  
Esperam nova possibilidade  
De verem esse mundo se acabar  
A Arca de Noé, o dirigível  
Não voam nem se pode flutuar

Êeeeeh! Oh! Oh!  
Vida de gado  
Povo marcado  
Êh!  
Povo feliz!

# Carta Argumentativa

**Carta** – forma de comunicação escrita entre duas pessoas

**Carta Argumentativa** – forma de comunicação escrita entre duas pessoas com o objetivo de persuadir

**Interlocução** - diferente da dissertação, a carta tem um leitor específico

- Reconhecimento
- Objetividade
- Pronomes de tratamento

**EU** – objetivo, representativo e genérico

- Personagem
- Linguagem apropriada

## Formato

Local, dia mês e ano (Bauru, 04 de novembro de 2010)

Destinatário (Senhor Deputado fulano de tal):

Conteúdo da carta.

Em prosa, procurando seguir a mesma estrutura dissertativa: apresentação do interlocutor e do tema abordado, argumentação específica sobre o tema e sugestões de ações que podem ser tomadas de acordo com a posição do interlocutor.

Despedida (Atenciosamente),

Assinatura – segundo o que foi sugerido pelo vestibular  
Pode ser um nome fictício, um personagem, iniciais etc.

## Redação - Texto 2

Leia a crônica abaixo e coloque-se na posição de um adulto que teve uma experiência escolar de “menino triste” e resolveu relatá-la em uma carta endereçada ao autor da crônica. Nessa carta, marcada por uma interlocução bem definida, você deverá:

- relatar sua experiência escolar de menino triste;
- e
- relacionar essa experiência com a posição de M-1 ou de M-2, mostrando como sua escola lidou com a questão.

Lembre-se de que não deverá recorrer à mera colagem de trechos do texto lido.

## Olho de menino triste

Duas pessoas que não conheço dialogam no ônibus e participo, em silêncio, ouvindo e pensando. Adorável conversa a três na qual apenas dois falam.

M-1 é a moça um. M-2 é a moça dois, a interlocutora. A-T sou eu. Elas conversavam, eu ouvia e pensava.

M-1 – Nada me comove mais que olho de menino triste. Você não tem vontade de chorar?

M-2 – Ah, minha filha, eu nem olho muito. De triste já chega a vida. Finjo que não vejo e só reparo os meninos alegres, aqueles comunicativos. Criança, para mim, tem que ser feito aquelas dos anúncios: sempre perfeitas, fortes, gordas, engraçadinhas e modelares.

M-1 – Também acho, mas quando vejo uma criança de olho triste, não consigo me desligar do que ela estará pedindo sem falar. Fico numa agonia danada querendo adivinhar qual é o seu problema. Tenho certeza de que ninguém alcança.

A-T – Não adianta, moça. O inconsciente humano, assim como carrega o passado do homem e da espécie, também tem germens de antecipação do futuro. As dores da humanidade, presentes, passadas e por vir, já acompanham algumas pessoas. E modelam seus rostos, olhos e mensagens corporais silenciosas...

**M-2** – Deixa isso pra lá. A gente não vai salvar o mundo, mesmo. Se você ficar sempre olhando o lado triste quem acaba na fossa é você e sem nenhum proveito. Fossa pega, menina. E quem fica na fossa não tira ninguém dela. Sei lá. Se você ficar triste, por causa dele, o menino de olho triste vai ficar mais triste ainda.

**M-1** – Pode ser que você tenha razão. Mas se fico negando a parte triste e transformo tudo em alegria, tenho a sensação de estar enganando minhas crianças (nessa hora, percebi que ambas eram professoras). O que é que vou fazer, se lá no colégio sinto mais simpatia pelos que ficam quietinhos, morrendo de medo dos outros, loucos de vontade de brincar mas sem coragem de se enturmar.

**A-T** – Esses vão ser assim sempre. Claro que terão, na mocidade, um período de reação, no qual tentarão se extroverter e nesse afã seguramente hão de exagerar. Lentamente, porém, como um rio após a enchente, voltarão para o leito de sua disposição inata e seguirão pela vida sempre olhando os brinquedos do lado de fora da vitrina.

**M-2** – Bobagem sua. Com jeito, você pode ir atraindo os mais encabulados para a brincadeira dos outros. Se eles sentem que você está com peninha, nunca vão reagir. Vão é se basear na sua pena para ficar ainda mais tristes.

**M-1** – E você pensa que não tenho tentado? É que observei que os meninos tristes, mesmo quando incentivados a brincar com os demais, acabam voltando ao que são, dentro da brincadeira. Os mais alegres e soltos sempre levam a melhor. Fico pensando se não seria o caso de se inventar uma pedagogia especial para a sensibilidade. Não há currículo? Não há nota? Não há teste de inteligência e de habilidades psicomotoras? Se tudo isso é importante, por que a escola não inventa, também, um tipo de currículo ou de pedagogia ou até mesmo escolas especiais para as crianças mais sensíveis? Acho que, se a gente consegue integrá-las na média, mais do que educando estará é violentando uma parte boa delas. Você não acha?

M-2 – Não acho, não. Se a escola conseguir formar e aprimorar sensibilidades, você acha que depois, na vida aqui de fora, haverá a mesma compreensão para os sensíveis? Essa não. Não é o mundo que tem que se adaptar às pessoas. É que têm que se adaptar ao mundo.

A-T – Estava na hora de saltar. Desci feliz. Uma conversa como esta, de duas professoras, mostra que o mundo pode ser salvo. Mas fiquei pensando: talvez sejam os meninos tristes que o salvarão, sempre que a escola, um dia, os entenda e aprenda a cuidar-lhes sensibilidade e emoção da mesma maneira que se lhes aprimora a inteligência. Mas pedagogias à parte: haverá algo mais apatetante, culposos e doloridos que meninos de olho triste?

(Artur da Távola. *Mevitevendo (Crônicas)*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996: 25-27.)